

Com a palavra o candidato começou por agradecer a cooperação e orientação prestada pela cadeira ao seu trabalho e, particularmente ao prof. Hugon a quem muito deve. Era, por isso, sua obrigação dividir com o ilustre mestre a parte positiva do trabalho, assumindo inteira responsabilidade pela parte negativa.

Passando a responder às críticas, afirmou que não teve a pretensão de esgotar a bibliografia e, por isso mesmo aceitava as informações do Prof. Hugon para completá-la. Concordava que talvez houvesse abusado da noção de densidade da população mas, se a abandonasse, precisaria substituí-la por outra hipótese, qual seja de coeficiente de prolificidade. Isso, no entanto, exigiria outras pesquisas complementares que não poderiam ser realizadas, no momento, dada a exiguidade de tempo. Concordava que, talvez, não fôsse muito adequado o uso da expressão zonas velhas e zonas novas, mas empregou-as entre as aspas, indicando a relatividade de seu sentido, mais didático que demográfico e econômico; referia-se às zonas velhas apenas no sentido de um povoamento e de um despovoamento iniciais. No que se referia à crítica geral do plano de trabalho, não tinha dúvidas em afirmar que o plano apresentado pelo prof. Hugon, do ponto de vista ideal, era perfeito, mas que o próprio orientador da tese conhecia a existência dos primeiros planos elaborados pelo autor, ideais também, muito mais perfeitos, mas irrealizáveis. Por isso, embora concordando que seu plano não seria o de um trabalho completo e acabado, não lhe seria possível realizar coisa melhor diante da deficiência de dados. Os planos ideais trazem dificuldades de aplicação, por serem artificiais, ainda que didáticos. Quanto à separação entre a ação do demográfica sobre o econômico e do econômico sobre o demográfico achava que o seu artificialismo se evidenciaria pela interdependência entre os dois fenômenos. Do mesmo modo que se afirmava agir a tributação sobre a concentração demográfica, seria dito também, que esta era responsável pelo volume daquela. Quanto ao fato de não haver realizado determinados estudos, concordava que não o fizera quer por falta de continuidade dos dados, como no caso da repartição por idades, quer pela inexistência de monografias especializadas, impedindo, por exemplo, o estudo da situação geo-econômica de São Paulo no mundo, ou o referente à distribuição da população por profissões; esta última apresentava muito vaga nos recenseamentos até agora realizados. Da política não tratou, para não eivar o seu trabalho de um conteúdo opinativo, de uma série de juízos de valor, contrários ao próprio conteúdo da ciência. Por fim, tinha a dizer, à guisa de conclusão, que jamais havia pretendido esgotar o assunto com a presente pesquisa e, sim, tão somente realizar o melhor possível, dentro dos elementos que lhe foram dados pela coleta. Não quis, deliberadamente, fugir ao seu plano de trabalho e nem ultrapassar o conteúdo ditado pelo material de estudo. E isto, em síntese, era tudo quanto queria dizer.

DORIVAL TEIXEIRA VIEIRA.

PRÊMIO PROF. ALUIZIO DE FARIA COIMBRA

Num gesto merecedor de todos os elogios, a auxiliar de ensino da cadeira de Língua e Literatura Grega, senhorita Hilda Penteado de Barros, entregou à direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, a importância de três mil cruzeiros, destinada ao aluno do primeiro ano do Curso de Letras Clássicas que, no decorrer no ano letivo de 1951, mais se distinguir na cadeira de Língua e Literatura Grega.

Este prêmio constitui justa homenagem à memória do nosso antigo cola-

borador, recentemente falecido, prof. Aluizio de Faria Coimbra, que, no exercício da cadeira de Língua e Literatura Grega, pela fidalguia de maneiras se impôs ao respeito e veneração de professores e alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

ALDO JANOTTI